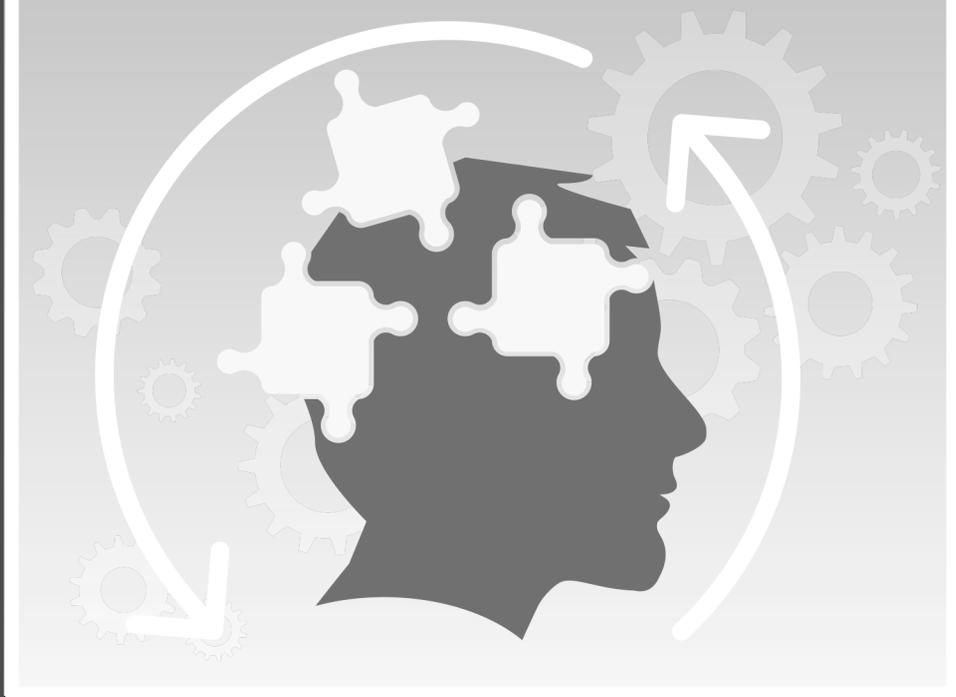


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)


Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras e linguística: estrutura e funcionamento

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-453-5
DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGÜÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga	
Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002101	
CAPÍTULO 2	12
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
DOI 10.22533/at.ed.5352002102	
CAPÍTULO 3	23
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos	
Asussena Noleto de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.5352002103	
CAPÍTULO 4	33
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.5352002104	
CAPÍTULO 5	42
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli	
Ernani Cesar de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.5352002105	
CAPÍTULO 6	61
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira	
Juliana Cristina Salvadori	
DOI 10.22533/at.ed.5352002106	
CAPÍTULO 7	78
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias	
Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002107	

CAPÍTULO 8.....	90
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.5352002108	
CAPÍTULO 9.....	104
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5352002109	
CAPÍTULO 10.....	116
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
DOI 10.22533/at.ed.53520021010	
CAPÍTULO 11.....	125
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53520021011	
CAPÍTULO 12.....	137
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.53520021012	
CAPÍTULO 13.....	147
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.53520021013	
CAPÍTULO 14.....	160
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciera Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.53520021014	
CAPÍTULO 15.....	172
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.53520021015

CAPÍTULO 16..... 183

LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

DOI 10.22533/at.ed.53520021016

CAPÍTULO 17..... 194

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Biacchi Brust

Fabiane da Silva Verissimo

DOI 10.22533/at.ed.53520021017

CAPÍTULO 18..... 206

CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.22533/at.ed.53520021018

CAPÍTULO 19..... 217

A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA

Conrado Neves Sathler

DOI 10.22533/at.ed.53520021019

SOBRE O ORGANIZADOR..... 225

ÍNDICE REMISSIVO..... 226

CAPÍTULO 1

ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A ESCRITA FRATURADA DE CLARICE

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 06/09/2020

Ademilson Filocreão Veiga

Universidade Federal do Pará
Cametá-PA

<https://orcid.org/0000-0003-2069-1622>

Gilcilene Dias da Costa

Universidade Federal do Pará
Cametá-PA

<https://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

RESUMO: O presente artigo discute acerca da escritura literária de Clarice Lispector e sua capacidade de se multiplicar em potências de devires e singularidades. Parte da ideia da vida e da arte como buscas constantes que não oferecem certezas, daí o caráter de limiar, de indeterminado presente nas obras de Lispector. Através desse aspecto, observamos a força da literatura para desterritorializar a vida, além da notável desconstrução de Clarice a respeito do que é ser mulher na sociedade. Por meio de seus livros, a autora locomove o papel reservado a escritoras, através de enredos e personagens ousados por meio dos quais ela se esconde, se mostra e se parte em muitas outras. Por fim, notamos as nuances das subversões clariceanas como indício de um tensionamento que nos leva a ressignificar a literatura, as mulheres na literatura e os modos de compreender e realizar a arte da escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector, Escritura literária, Arte, Devir.

LISPECTOR FOREIGNNESS CLARICE'S FRACTURED WRITING

ABSTRACT: This article discusses the literary writing of Clarice Lispector and her ability to multiply in powers of becoming and singularities. It starts from the idea of life and art as constant searches that do not offer certainties, hence threshold indeterminate character present in Lispector's works. Through this aspect, we observe the strength of literature to deterritorializing life, in addition to Clarice's remarkable deconstruction of what it means to be a woman in society. Through her books, the author moves the role reserved for writers, through bold plots and characters through which she hides, shows herself, and breaks into many others. Finally, we note the nuances of claricean subversions as an indication of a tension that leads us to resignify literature, women in literature, and ways of understanding and realizing the art of scripture.

KEYWORDS: Clarice Lispector, Literary writing, Art, Becoming.

1 | ENIGMA-CLARICE

Escrever é alguma coisa extremamente forte, mas que pode me trair e me abandonar. (...) Em escrever eu não tenho nenhuma garantia. (LISPECTOR, Crônicas da escrita, 2015, p.115)

Clarice Lispector desponta na literatura brasileira como uma figura misteriosa, indecifrável. Seja a partir de suas obras ou de

suas aparições públicas, a escritora consegue provocar no leitor desassossego, perturbação e impacto. Ler a obra Clariceana é sentir-se atingido e atravessado pelo seu desconstruir de mundos e horizontes. Lispector desfaz e refaz a si mesma para refazer a vida ao seu redor e acaba trazendo tais ousadias para sua escrita e personagens. *Ou toca, ou não toca*, disse a escritora em rara entrevista para a televisão. O texto Clariceano cavalga em extremos, vai de encontro ao temido abismo que é a vida e impulsiona o leitor a pulá-lo para que experimente a brisa lancinante que a queda gera.

Na urgente necessidade de o ser humano *desabrochar de uma maneira ou de outra*, é compreensível que busquemos diferentes maneiras para nos entendermos e nos posicionarmos no mundo. Talvez por essa razão, a obra de Clarice é tão mistificada e, de certa forma, temida, pois seus textos escancaram a verdade de que, para termos respostas é preciso perguntar sem garantia de solução. Daí vem o desconcerto de sua literatura, pois o estrangeirismo que causa não convém com as fórmulas prontas e convenientes que o mundo oferece.

Observando mais a fundo a famosa entrevista para o jornalista Júlio Lerner, percebe-se o quanto os silêncios de Lispector eram carregados, o quanto seu olhar trazia consigo mais do que o corpo pode suportar e que fazia da alma uma refém. A alma tem o corpo como uma ausência. A tão desejada vontade sem nome que podemos limitadamente chamar de liberdade. O que podemos presumir daquela Clarice tão múltipla presente na entrevista? Era uma mulher tímida? Ousada? Triste? Solitária? O que não podemos duvidar é a pluralidade do até então *Enigma Clarice*. No entanto, ela mesma odiava ser vista como figura sagrada, por este fato afastar as pessoas de sua realidade. Sem dúvida, a escritora experimentava multiplicidades de devires a atravessarem toda sua vasta obra. Um devir-mulher, devir-mãe, devir-escritora, devir-estrangeira, devir-cidadã, devir-personagens.

Lispector demonstrava não suportar ser limitada a apenas ser escritora. Por sua vez, a desejosa descoberta do Eu jamais cessa, mas necessita de um ponto de partida. Vivemos em constante estrangeirismo existencial, como diz Woolf, onde “Eu é apenas um termo prático para alguém que não tem existência real” (WOOLF, 1990, p.13). Eu, permite-se fluir, experimentar, chocar-se consigo mesmo, com outros eus, está em constante construção. Fluxos de indeterminações. “A beleza do mundo prestes a perecer tem duas faces, uma de riso, outra de angústia” (WOOLF, 1990, p.22-23). Então nos perguntamos: até que ponto este encanto pela busca de si dura em um mundo que preza por tantas caixinhas sociais? Em qual ponto da vida somos levados a crer que se trata de uma busca vã, onde prevalece a fórmula binária ou isto *ou* aquilo, em vez da multiplicidade do isto *e* aquilo?

Clarice atuava na vida para buscar a perturbação que a mantinha viva. Ler Lispector é saber que, quando se entra no seu mundo, está-se entrando também na sua forma mais humana, cercada de fragilidades, questionamentos, incertezas, intensidades. Como viver ultrapassa qualquer entendimento, a escrita igualmente rompe com o fixo e gera estranhamento. Um *devir escritura*. É o que podemos notar em Deleuze (1997), no livro *Crítica e Clínica*, do qual destacamos o trecho a seguir:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. Esses devires encadeiam-se uns aos outros segundo uma linhagem particular. (DELEUZE, 1997, p. 11)

Destarte, podemos dizer que a obra de Clarice Lispector não termina em seu ponto final: está sempre mudando de direção, indo rumo ao acaso que inscreve o próprio acontecimento da obra e que gera a inquietude distraída e impactante do leitor, do personagem e da escritora. O caminho por onde percorremos a escritura não é único, pelo contrário, sucede de várias aberturas e entradas, possibilita a criação infinita dos trajetos. Ali, juntam-se os devires humanos e inumanos que forjam esta literatura por vir. Se a literatura parte da vida, então não há necessidade de ser limitada. A insurgência de um Eu-Outro plural se encadeia até minar a particularidade do Eu, abre o Desconhecido da escritura que impulsiona novos deslocamentos.

Buscando trilhar uma outra via ao pensar, proponho um **deslocamento de sentidos** capaz de transpor esse limiar de personificações ou de arquétipos prefigurados na figura do 'leitor', para saltar ao encontro da **leitura** e da **literatura** por meio de sensações e afecções gestadas no dorso desse encontro, no livre cavalgar da imaginação em direção ao desconhecido, espreitando o que nelas há de desassossego e inquietude, de intensidade e arrebatamento, de despojamento de um 'eu' leitor que tudo conhece, significa, julga, utiliza, destituindo-o de sua própria personificação, desalojando-o do lugar-comum de sua cátedra do saber, do seu 'quarto' íntimo da leitura. (COSTA, 2016, p. 102, grifos da autora)

O exercício da leitura a princípio parece individual, particular, mas vai se desdobrando até que atravesse a realidade *fora* do livro e chegue a quem o lê e a quem o escreve, tornando-se desta forma coletivo. O oposto também ocorre. Sendo assim, é possível imaginar a quantidade inimaginável de pessoas que se identificam com a intensidade e os questionamentos de Clarice Lispector. Quando somos atingidos, Clarice deixa a sua forma mítica e se transforma numa forma fluida que abrange corpo e alma de seus leitores - e dela mesma, ao escrever. Transfigura-se nesse impacto e atinge o real sentido de sua arte: dissociar-se de si mesma.

A palavra deixa de ser enunciada individualmente para formar uma massa coletiva de enunciações que encontra seu *fora* e “a linguagem autoral se converte em vazão polifônica, linguagem cambiante, aberta aos sentidos e sem-sentidos das coisas” (COSTA, 2016, p. 12). A estranheza e o extremo resultantes do contato com uma obra Clariceana supõem que o ser humano habita a si mesmo como estrangeiro. Porém, este estranhamento, em um ápice de atenção, serve de propulsão para que o indivíduo saia de padrões socialmente definidos e (re) descubra as possibilidades de devir outros.

2 | PERSONAGENS FRATURADAS

Clarice, uma exímia expectadora de si atravessada pelo mundo, jogava o jogo das palavras ao mostrar a fragilidade humana ao mesmo tempo em que se retesava em suas emoções – já que sabemos, as palavras nem sempre são suficientes. A liberdade da escritora é um enigma (qual não é?). Suas criações podem optar pelo ordinário – e viver a linguagem em sua complexidade. Ou pode optar pelo complexo – e continuar enxergando uma linguagem parcial, insuficiente, mas que, como toda dissimulação, rompe com a fixidez do ser e com os limites entre o falso e o verdadeiro da linguagem.

Benjamin Moser (2013), autor da biografia da escritora intitulada “*Clarice*,” refere-se a ela como alguém cuja “alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana” (MOSER, 2013, p.13). Moser quer assim dizer que Clarice era uma mulher como todas as outras? De certa maneira não, mas que em Clarice existia toda mulher do mundo, pois era impossível para ela viver sendo única. E não apenas toda mulher, dizemos, mas toda a gama de experiência humana, ou seja, a escritora expõe suas tantas almas, de mulher, homem, objeto, coisa, natureza, de outras possibilidades além do binarismo, pois experimenta múltiplas potências de devir.

Benedito Nunes, em análise das formas clariceanas, segue:

Essas personagens femininas são personalidades fraturadas, divididas – “um feixe de Eus disparatados –, que se surpreendem por estarem existindo e que não contam com o abrigo acolhedor da certeza de uma identidade. Buscam a si mesmas no que quer que busquem. Ou se desconhecem e se estranham. (NUNES, 2009, p.224).

A denominação escolhida por Nunes é bastante forte. Ele não retrata as personagens de Clarice como incompletas, mas fraturadas, um feixe que se espalha e se surpreende. Repentinamente, o feixe-Clarice se transforma num ser extraplanetário, num bebê recém-nascido, numa travesti, numa dançarina... Não oferecem certezas ou fórmulas: prezam acima de tudo pela dúvida, é que duvidar é bonito. Mas, por falar em fratura, é como se as personagens de Clarice nunca sarassem. Ela mesma jamais sara. Quando desgasta a mais recente ferida, joga-se no mundo novamente e sangra toda, divide-se num Eu que não suporta estar apenas em si. Como a verdadeira “esfinge brasileira” (MOSER, 2013) que era, Lispector dizia não dizendo. É como se sua escritura experimentasse os limites de “uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer EU” (DELEUZE, 1997, p.13). Ela desaparece junto com a criação, ao mesmo tempo em que é refeita por esta e recriada por quem a lê, que, por sua vez, também se reconstitui.

Clarice refaz na literatura: quando usa de estereótipos, é para evidenciar o estigma. Quando os renova, é para atentar ao possível, para oferecer pensamentos outros, ampliar o horizonte e impactar o leitor. Esta relação acaba “convertendo-se numa procura sem limites, numa busca ansiosa da existência verdadeira e inacessível, renovadas a cada

passo pela introspecção a que se abismam” (NUNES, 2009, p.206). Assim, a introspecção que a arte submete ao ser é o momento onde estamos sozinhos, ser consigo, e mais ninguém. Esse é um dos silêncios de maior agonia, dado que é difícil conviver com nossas mazelas, e é difícil conviver com os demais porque grande parte deles possuem as mesmas mazelas – e ninguém quer vê-las. Para tanto, a busca é inacessível, de certa forma, pois nunca termina. Porém, se não podemos chegar ao fim do abismo, que possamos ao menos aproveitar o momento em que ele nos suspende.

Em alusão à esta suspensão dita anteriormente, passamos a cartografar uma experiência intersubjetiva com a palavra clariceana na escola básica, na qual pudemos sentir e experimentar a queda no abismo a partir das obras Clariceanas na realidade. A performance de *O Triunfo*, adaptada de um conto homônimo da autora para a Semana Literária de uma escola estadual de ensino médio, em Cametá, Pará, retrata o relacionamento abusivo e obsessivo de um casal. Foi uma das experiências mais fortes dentro da vivência e experimentação artística da sala de leitura que tem o nome de Clarice Lispector como homenagem. Durante os ensaios fomos surpreendidos com a recusa de muitas meninas a participarem quando souberam do que teriam que ouvir durante a apresentação. Rótulos patriarcais do tipo “você é ridícula!”, “você não é nada sem mim!”, “nasceu assim e vai morrer assim!”.

Foi nítido perceber que a recusa em participar da cena veio de feridas pessoais geradas por uma experiência própria envolvendo abusos psicológicos. Principalmente se considerarmos que sobre as mulheres recaem expectativas já inscritas sobre seus corpos, tendo que lidar desde cedo com situações de medo, violência, ansiedade. Quantas daquelas meninas secretamente não sofreram ou sofrem abusos dos mais variados tipos? Poucas vieram conversar conosco a respeito. A maioria resistiu a um diálogo. O que fizemos foi trocar os pares ou até mesmo oscilar entre meninas e meninas e meninos e meninos.

Percebeu-se o alívio das meninas ao não serem a vítima uma única vez, numa espécie de “catarse justiceira”. Alívio culpado e alívio melancólico, pois sabem que aquela era uma situação de exceção frente a nossa realidade assombrosa de feminicídios. No decorrer dos ensaios, a aluna que mais resistiu acabou chorando e dizendo coisas como “eu não posso mais ouvir isso, não consigo”. Desde o começo notamos que ela era fechada emocionalmente, que se recusaria a conversar. Mas a performance a sacudiu por dentro, e tal movimento aparalhou seus sentimentos, botou-os para fora como uma expurgação. Talvez estivesse escondida sob a capa do “eu tenho uma amiga que passa por isso”, e talvez estivesse falando de si mesma, mas envergonhada demais para admitir. Porém, só este ato de *por para fora* já foi muito importante e significativo.

O aluno que iria fazer o papel do agressor acabou faltando no dia da apresentação. Ele mesmo não conseguia acessar esta *monstruosidade* esperada para ele e disfarçada de “ideal de masculinidade”. Então acabei participando junto à aluna. Foi uma experiência forte e reveladora, pois mal conseguia me segurar de pé, meu corpo inteiro tremia e tive

que acessar bem fundo o “porão interior” para tentar trazer à tona o ódio, a raiva e o ressentimento que o papel pedia. Quando percebi, as palavras saltavam para além da folha, todos surpresos, um silêncio que não ousava, éramos só a aluna e eu presos naquele fragmento intenso e devastador de vida. Saí da apresentação me sentindo horrível e extremamente pesado, como se aquele espaço antes tão convidativo houvesse se tornado o mais puro retrato do sufoco. Eu falava aquelas palavras e elas se voltavam diretamente para mim, me perfurando de impropérios duplamente piores, acusando-me. Dito isto, é imprescindível salientar o poder político e social da literatura para tensionar e expôr mazelas, suspender e atentar para o automatismo de nossos comportamentos.

3 | DEVIR-ESCRITURA

“Em seus últimos livros a identidade entre o autor e suas criaturas atinge um clímax poético. Em *Um sopro de vida*, tanto Ângela como o personagem masculino do Autor que Clarice interpõe entre ela própria e Ângela são Clarice Lispector” (MOSER, 2013, p.605, grifos do autor). Vemos, portanto, uma Lispector híbrida, que se mescla ao Autor e Ângela, concomitantemente ao fato de que transfaz seu próprio arquétipo de ser humano e escritora. Entre tantos deslocamentos, onde está a verdade? Ou seriam as verdades? Verdades absolutas ou verdades que produzem um contrapoder, as mentiras? Estas mesmas mentiras são absolutas também? Absolutas do tipo: “Os homens bebem vinho e as mulheres, água” (WOOLF, 1990, p.30). Neste exemplo de *Um sopro de vida*, já não sabemos quem fala, tampouco se existe mentira ou verdade. De quem é a voz que sopra da boca deste livro? Clarice e Martim de *A maçã no escuro* frequentemente são idênticos? Martim é mais Clarice que ela mesma? Ou Clarice é que devém Martim mais que ele próprio? Ângela e o autor são criaturas clariceanas, bem como o próprio Eu de Clarice pode não ser uma existência real e sim uma produção, um saber que a escritora arditosamente vinha criando por meio das obras. “Vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos” (LISPECTOR apud MOSER, 2013, p.606).

O mundo se me era, o mundo tece um quadro pronto. Somos a linha a seguir apenas um trajeto. “Parecia uma máquina. Éramos todos jogados de um canto a outro nessa tela lisa para criar alguma estampa” (WOOLF, 1990, p.30). Clarice subverte esta regra, pois nunca cessa de transparecer na criação que pinta, embora seus esforços para que não o fizesse. Desejava uma escrita que se aproximasse da verdade sem trazer à tona ela mesma, no entanto, era despiando-se veladamente, nesta intimidade oculta, que se aproximava da própria verdade – eis um dos tantos paradoxos clariceanos, no qual a matéria bruta levava pinceladas de ficção e revelava um relevo que nos permitia esclarecer: nunca a matéria bruta foi tão bruta assim.

“Uma singularidade no nível mais elevado, momento em que os personagens são arrastados para um indefinido considerado como um devir potente demais para eles”

(MACHADO, 2009, p.210). O relevo traz consigo a singularidade descoberta. Tal achado leva os personagens e Clarice para um indefinido, um lugar entre, um espaço que coexiste. No entanto, pode-se notar a agonia, o fato de que os eus das criaturas e da criadora se debatem entre eles, em si mesmos, para que este indefinido reverbere, que cause algo, ou mesmo nada, o que já é uma espécie de reação.

O *ser* e o *é*, com suas respectivas negações - *não ser, não é* - e suas próprias ambiguidades - *não acaba de ser, é parcialmente, não é totalmente etc.* - dominam ainda boa parte do pensamento contemporâneo sobre identidades. E são tão dominantes que a mesmidade reserva para si o direito ao *é*, o direito a *ser*, ao mesmo tempo em que se arroga a virtude (?) de enunciar o outro naquilo que *não se é* ou *que se é só em parte*, ou *que não se é completamente*. (SKLIAR, 2003, p.46, grifos do autor).

Dizem quem sou e eu o sou. O sujeito é produzido mesmo em suas possibilidades. Se assim o é, por sua vez não poderá ser totalmente outro, nem parcialmente aquele... A verdade cristalizada formula o seu oposto, que é negado como impossível de existir ao mesmo tempo do construto principal. Clarice mulher só pode escrever com sensibilidade? Mas o que configura esse traço feminino de escrever “com sensibilidade”? Não pode, por exemplo, experimentar a indecência e o despudor das perversões sexuais? Provavelmente será chamada de lixo, como foi com a publicação de *A via crucis do corpo*. A mulher, boa parte das vezes, é passível de compreensão somente quando é descrita pela voz de um homem. Mas, ao assumir a posição de dona de si, é alvo de críticas, mistificada, tida como rara. Ela não pode também “escolher a hora do lixo”, como diz Clarice (2016, p. 528), deve manter um nível de qualidade que não é exigido da mesma forma aos homens escritores. Querem dizer-me como sou e o que não devo ser. Eu só existo pelas palavras do Outro. A minha presença como Eu é validada por alguém exterior a mim. Seguindo com as palavras da escritora:

Sonhara que tinha sido banida da Rússia num julgamento público. Um homem diz que “só mulheres femininas eram permitidas na Rússia – e eu não era feminina”. Dois gestos a traíram inadvertidamente, explica o juiz: “1º: eu acendera meu próprio cigarro, mas uma mulher fica esperando com o cigarro até que o homem acenda. 2º: eu mesma tinha aproximado a cadeira da mesa, quando deveria esperar que ele fizesse isso para mim” (LISPECTOR, apud MOSER, 2013, p.15).

O excerto que destacamos acima é necessário para compreender a transgressão clariceana, que adotava comportamentos “impróprios” para uma mulher, tais quais acender sozinha o cigarro e puxar a cadeira na qual sentaria à mesa. Com sua impostura, Clarice desafia estereótipos machistas seculares contra a mulher, borra a imagem delicada e frágil do ser mulher na sociedade, mina o território binário entre masculino e feminino em sua arte de escrever.

Como ressalta Nunes (2009, p.123), “não há signos transparentes, as palavras são opacas”. Se as palavras são opacas, o próprio ser humano é afetado por interpretações, por subjetividades e experiências. O próprio ser pode ser opaco ao invés de cristalizado. Então, a partir de um devir escritura que é homem, mulher, alien, pintora, autor, recém-nascido, montanha, Clarice cria sua forma exterior de existir, que não deixa de atravessar ela mesma interiormente, e é perspicaz e ousada o suficiente para dizer qual exterior é o melhor para lhe apontar o dedo.

“Qualquer coisa pode acontecer quando ser mulher deixar de ser uma ocupação protegida, pensei, abrindo a porta” (WOOLF, 1990, p.43). Entre a tensão do natural e do inventado, seja lá o que estes conceitos queiram significar, entre o real da superfície e a profundidade da alma humana, são estes abismos que inquietam os devires escritura clariceanos. Ao compor um ser de Saturno, o que virá? Como ele existirá no mundo? Ao criar uma figura que compõe tanto o Ele quanto o Ela (e talvez até mesmo um Elu sem gênero), o que esperar de tal possibilidade? Onde reside a real Clarice? Em suas obras? Nunca foi revelada, vive nas palavras dos outros? “Se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância” (WOOLF, 1990, p.45). Pensemos deste modo numa realidade em que Clarice seja uma personagem criada por James Joyce, com quem tanto é comparada.

Esta mulher que só existiu em palavras escritas por um homem. É celebrada por ser parte da genialidade dele. É como a Mona Lisa da literatura: milhares e milhares de teses tentam dar conta de abarcar o real sentido de Clarice. No entanto, refletimos agora no oposto: Se James Joyce fosse um personagem criado pela escritora real Clarice Lispector. Sempre haveria um arquétipo melhor de herói. Pois aos homens é permitido a licenciosidade de descrever uma mulher como se a conhecessem a fundo. No entanto, quando uma mulher é quem cria um signo masculino, ela está a ponto de ser ultrapassada pelo de um homem.

O que são as baratas de Lispector perto do animal indefinido de Kafka? O que são as galinhas de Clarice comparadas com a fazenda revolucionária de Orwell? Clarice teria a fama claramente desestabilizada se surgisse um novo messias da ficção - talvez, num mundo paralelo, Ulysses, feito pelas mãos de outro escritor. Se pensarmos, como Virgínia Woolf o fez com Judith, a irmã imaginária de Shakespeare, o único caminho viável para uma artista tão talentosa seria ser queimada como bruxa numa fogueira. Qual seria, então, o destino de James Joyce criando Clarice e de Clarice ficcionalizando James Joyce? Joyce tornar-se-ia, aglutinar-se-ia em sua própria Mona Lisa literária. Ganharia o seu mistério. Ele seria a esfinge que a decifrou. Clarice, no entanto, poderia ser revelada como uma farsa, como incapaz de realizar James Joyce personagem, e, portanto, apareceria para desaparecer, tão logo Ulysses, o escritor imaginário, fosse quem criasse James Joyce.

Quando, porém, lemos sobre o afogamento de uma bruxa, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma feiticeira que vendia ervas ou mesmo sobre um homem muito notável e sua mãe, então acho que estamos diante de uma romancista perdida, uma poeta subjugada, uma Jane Austen muda e inglória, uma Emily Brontë que esmagou o cérebro em um pântano ou que vivia vagando pelas ruas, enlouquecida pela tortura que seu dom lhe impunha. Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher. (WOOLF, 1990, p.50-51)

Anônimo, este indefinido que cobriu a voz de tantas mulheres ao longo dos anos. Fora do mundo paralelo que imaginamos, entre James Joyce e Clarice, a escritora subverte o modo de enxergar uma mulher ao devir outras e devir até mesmo fora do que constitui uma mulher socialmente. “Uma microssexualidade, em que os dois sexos, separados, divididos, coexistem no mesmo indivíduo” (MACHADO, 2009, p.201). Porém, para quê separar tal microssexualidade? Ou, como fala Machado, dividi-la? A coexistência só é possível com divisão? Clarice quer ser dois, ou mais. Alguém que não ela mesma. Ângela, o autor, Martim, Ixtlan, Ele, Affonso Carvalho, várias outras *personas*, criar *linhas de fuga*, a chance de ser dois, cinco, um milhão, são vivências inteiras, travessias inteiras. “Eu e Ângela somos o meu diálogo interior - eu converso comigo mesmo. Estou cansado de pensar as mesmas coisas” (LISPECTOR apud MOSER, 2013, 608). Os anseios do Autor e de Clarice se entrelaçam.

Devir-outros. “Um sentimento que está sendo criado e ao mesmo tempo arrancado de nós neste momento” (WOOLF, 1990, p.21). O caminho da personagem é criado e arrancado de sua pessoa, passeia por Clarice, vive e revive, recria a morte, recria a vida. Clarice e seus devires de escritura nem sempre caminham de mãos dadas. Às vezes ferem-se, fazem acordos, dão pedaços de um para o outro. Estas batalhas, este conflitos, são travados através de uma voz aparentemente única, incluída no arquétipo de um personagem, mas que ecoam a gama da experiência da massa, das vezes em que somos além, dos tempos em que somos inomináveis, que somos o esperado... Tais sentimentos pulsam e morrem na ficção no exato momento em que a obra caminha ao seu centro e nunca chega até ele. Clarice, única? Múltipla. Uma real inominável.

Os inomináveis são os que não são nem isto nem aquilo. Aquilo que não se presta ao jogo da oposição nem de sua lógica. Aquilo que deixa a ordem sem efeito, que a desordena. Os inomináveis fragilizam todo conhecimento, toda determinação. São, por isso mesmo, a indeterminação, o adiamento do conhecimento, o deixar para depois - e sempre para depois - toda classificação, toda definição, toda catalogação. E, ao chegar esse depois, deixar outra vez de lado a certeza de todo nome para continuar órfãos e órfãs do malefício da ordem. (SKLIAR, 2003, p.55)

É possível viver plenamente como inominável? Será permitido? Estilhaçando seus eus, Clarice carregou o estigma de hermética, indecifrável, a apoteose da literatura. Claramente desconfortável nesta posição, realizava o que ela mesma chamou de *expossível*,

que era vivenciar, além de ser humana e ser mítica, uma terceira experiência dentro do universo de sua arte. Ao ponto de fluirmos como leitores pragmáticos e pensarmos: é o espaço ficcional de Clarice que é verdadeiro ou é a realidade que constitui o seu mundo inventado? Os dois? O que esta terceira experiência *expossível* provoca?

Órfã do malefício da ordem, a escritora devém bailarina para flunar em seu viver desgovernado. Sua única segurança talvez fosse a ficção – na acepção de criação, avizinhando-nos a Deleuze (1997). Mas, mesmo isso lhe oferecia a incerteza: quando não escrevia, estava morta, e temia o dia em que as próprias histórias matassem o seu personagem. Pensando assim, Clarice era tudo que não dizia. As palavras eram a fantasia de suas reais intenções. Seu pensamento através. A roupa que sutilmente tecia para logo em seguida “perfurar buracos na linguagem para ver ou ouvir o que está escondido atrás” (DELEUZE, 1997, p.09).

Porém, era Outra. Como pode Clarice escrever algo tão elementar como os contos de *A via crucis do corpo*? Indagavam-se os críticos. Afirmavam com toda potência que aquela não era a escritora de seus primeiros anos. Estava ela vendendo-se? Estava ela envelhecendo ou insistindo na imitação de modos de viver e existir que não lhe diziam respeito? Quaisquer que fossem as justificativas, eram para desconfigurá-la, menos mulher e menos escritora. “O outro foi persuadido para deixar de ser outro. Manipulado em cada um de seus detalhes para ir atrás da mesmidade. O outro foi naturalizado como anormal. E a normalização foi naturalizada” (SKLIAR, 2003, p.178).

A escritora ironiza o caráter outro que a crítica lhe impõe. É como se batesse no peito, a dizer: Sim, sou outra. Sou Ana, que está subindo no bonde. Sou uma mulher que deixa que o homem cumpra seu dever de nascimento. Sou reprimida e redescoberta a partir da visita de um ser de Saturno. Sou aquela que enterra o corpo de um homem e planto flores em cima do túmulo. Sou aquele que acaba de nascer, aquele homem que se depara com uma casa em ruínas, aquele que assiste *Um tango em Paris* com suas duas mulheres. E também sou estas duas mulheres que descobrem o prazer entre si a partir de uma ausência. Sim. Sou outra. E não a Outra que deixa de ser. A Outra que é ao mesmo tempo, a outra desnaturada, a outra que insiste em se descobrir estrangeira em si mesma. Uma legião de Outras que lhe habitam e que desconhece, uma aprendizagem de Outros que se redescobrem à medida que ela passeia pelo seu labirinto humano.

Onde reside este outro que não se enquadra, que por pressão é distanciado da “normalidade”? Em Clarice, ele é descortinado a partir dos seus devires escrituras, das suas criações, do seu universo. Lá, não são Outros estigmatizados. São parte da vida, são a pluralidade do viver.

Um esquema rígido e restrito que jamais abarcou toda a variedade de expressões afetivas e sexuais humanas. Se somos capazes de perceber que as pessoas cada vez menos cabem em binários como homem-mulher, masculino-feminino, hétero-homo, é porque mal começamos a compreender como as pessoas transitam entre esses polos, ou se situam entre eles de formas complexas, criativas e inesperadas. (MISKOLCI, 2012, p.56).

São Outros tomados por este *entre*, pela potencialidade da transitoriedade entre os polos, das maneiras complexas, criativas e inesperadas de Clarice Lispector, que os estilhaços, as fraturas da escritora começam a aparecer. Clarice, esta escritora de ferro e vidro, em mil pedaços dela mesma, pedaços estes que não indicam ou isto ou aquilo, pois que abrem as multiplicidades do isto e aquilo na extensão criadora dos espaços literários. As vivências se confluem. A sinergia dos devires opera nestes espaços entre. Já não um Ele e Outro, mas mesclas que produzem multiplicidades outras... Algumas, Alguns, Elas, Eles, Nós. Um convite a viver o Desconhecido de um vida estrangeira ao modo como somos estrangeiras e estrangeiros para a vida.

REFERÊNCIAS

COSTA, Gilcilene Dias da. No quarto com Proust; Nietzsche, Deleuze Notas sobre o desaparecimento do leitor na literatura. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira. GALINDO, Dolores. (orgs). **Criações Transversais com Gilles Deleuze**: Artes, saberes e política. Curitiba: CRV, 2016.

DELEUZE, Giles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco: 1998.

_____. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Crônicas sobre a escrita**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

M

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

N

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

P

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 